



A CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA PARA A FORMAÇÃO LEITORA NA INFÂNCIA

Flaviane Alves da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN E-mail: alvesflah@gmail.com

Míria Helen Ferreira de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN E-mail: miriahelen@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento apresentada como requisito avaliativo à disciplina de Laboratório de Monografia do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, que intenciona analisar as práticas de formação leitora recorrentes nas bibliotecas de duas escolas do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino de Mossoró/RN, parceiras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID da Faculdade de Educação/FE/UERN. Para alcançarmos o objetivo da proposta investigativa faremos uma pesquisa de campo de cunho qualitativo com a contribuição de duas professoras parceiras do PIBID/FE/UERN como sujeitos da pesquisa. O instrumento de investigação será um questionário com perguntas semiabertas. As vivências experimentadas no decurso da pesquisa possibilitarão uma compreensão mais aberta do que é a biblioteca hoje e o que ela representa na infância das crianças que buscam por meio da literatura, viajar ao imaginário, fascinar-se com as descobertas e saciar curiosidades. É preciso observar se as bibliotecas consistem em um espaço de formação de leitores desde a infância, ou se as mesmas estão sendo utilizadas apenas como armazém de livros ou lugar de castigo de alunos indisciplinados.

Palavras-chave: Biblioteca, Leitura, Formação Leitora.

Introdução

Na atual sociedade tecnológica em que vivemos, percebemos o afastamento dos alunos do ato de ler livros que contam histórias de fantasia, de sonhos e de emoções que preenchem os vazios da alma. Este distanciamento tem se manifestado desde a infância, haja vista que antes de descobrirem o prazer pela leitura já estão conectadas às tecnologias contemporâneas que com suas cores, movimentos, despertam o interesse pelos equipamentos midiáticos e secundarizam o manuseio de livros escritos.

É enfático situarmos que a falta de interesse ou incentivo pela leitura ocasiona um leque de dificuldades na formação do aluno frente ao uso da língua materna que exige a capacidade de interpretação, domínio da ortografia e aquisição de vocabulário, dentre outras especificidades.

A leitura não pode assumir um aspecto mecânico ou obrigatório, mas, uma atividade de encanto, prazer e sedução que desperta no leitor o desejo para outras leituras. Nesse aspecto, a



leitura é um instrumento de formação e transformação dos sujeitos que buscam, por meio dela, a construção de uma nova identidade quando deixam de ser decodificadores das palavras e passam a ser sujeitos do que lêem.

Martins (2012, p. 30) afirma:

Seria preciso, então, considerar a leitura como *um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas não importando por meio de que linguagem*. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (grifo da autora).

A leitura vai além da decodificação de letras e símbolos linguísticos. É um mecanismo indispensável para a formação humana dos sujeitos por representar uma atividade ampla que favorece o conhecimento de si, do outro e do mundo à sua volta. Concebemos que a leitura se faz necessária em qualquer momento da vida e esse processo de descoberta da ação de ler atribui transformação e aquisição de novos conhecimentos ao leitor.

Descobrir o prazer pelo ato de ler palavras e sentidos é o mesmo que descobrir uma, liberdade desconhecida; é transportar-se para outro mundo; é sentir sabores diferentes, alegrias, tristezas e é por intermédio dos personagens de cada história que o leitor transporta-se para esse universo desconhecido, às vezes conflitante, outras vezes prazeroso, mas, que permite viver outras histórias e sonhar outros sonhos. Na obra *Bibliotecário: um essencial mediador de leitura*, Júnior (2009, p. 212) afirma que, “Leitura, Literatura e Livro (todos com L maiúsculo) são instrumentos que nos levam a conviver com personagens simples, complexos, virtuosos, viciosos, verdadeiros, falsos, bondosos, cruéis, excêntricos, comuns.” É com esses personagens que o leitor envolve-se durante a realização da leitura e nesse encontro descobre-se, atribui significados e sente-se sujeito do que ler.

Tomando como base o pressuposto que a leitura é uma ação de encontro com novos saberes, faz-se necessário tornar a escola um ambiente que resgate o valor e a importância da formação leitora, nesse sentido a biblioteca precisa ser vista como um espaço de formação de leitores, lugar de conhecimento e de pesquisadores e não como armazém de livros. O interesse pela leitura precisa partir do próprio leitor, mas a família é peça importante para esse processo de encontro. No entanto, é pontual asseverar que muitas vezes é a leitura que tem que ir ao encontro da família e a escola pode fazer essa interface entre biblioteca, aluno, pais e professores.



Partindo do sentimento que a leitura liberta, o desejo por essa temática surgiu do prazer pela leitura e do amor pelos livros, diante disso, escolhi investigar as ações de fomento à leitura intermediadas nas bibliotecas de duas escolas da rede pública de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte, parceiras do PIBID/FE/UERN, por entender esse lócus como um espaço vivo dentro das escolas que contempla a liberdade, os sonhos e as imaginações, as vivências, o amor e o prazer, aspectos fundamentais para evidenciar a leitura como contributo fundamental para a formação do ser humano.

Disso emergiu a proposta de monografia intitulada *BIBLIOTECA ESCOLAR: Caminhos e descaminhos*, que é uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, orientada pela professora mestra Míria Helen Ferreira de Souza. A opção por esta modalidade é justificada tendo em vista as possibilidades de o pesquisador vivenciar as ações no momento em que acontecem no lócus investigado (GIL, 2002). Duas professoras que atuam em escolas da rede pública de ensino de Mossoró/RN, parceiras do PIBID/FE/UERN, também supervisoras do referido programa, serão os sujeitos da pesquisa. A construção dos dados ocorrerá por meio de um questionário com perguntas semiabertas (GIL, 2002).

Este artigo é um recorte do primeiro capítulo da referida monográfica e apresenta as experiências da autora com a leitura e especificidades da biblioteca enquanto espaço para a formação leitura. Ao final, estão elencados os aprendizados iniciais acerca da pesquisa, ainda em decurso.

Com o intuito de respaldar teoricamente o trabalho, ora apresentado, foram elencados os estudos de Souza (2014), Gil (2002), Freire (1996), Krishnamutri (2009), Souza (2009), Freire (1989), Martins (2002), Bojunga (2010), dentre outros.

Da infância à universidade: Leitura de caminhos

Este tópico se refere às discussões estabelecidas no capítulo inicial do trabalho monográfico supracitado. Apresenta espectros de experiências da autora com a leitura e especificidades da biblioteca enquanto espaço vivo de leitura.

“A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absoluta-mente significativa” (FREIRE, 1989, p. 9). Partindo do postulado freireano que revela a possibilidade de revisitar a memória distante, observo que, desde criança sentia amor para aprender. Era uma criança



curiosa que sentia desejo de descobrir o que não conhecia. Lembro da minha infância na casa da minha avó, do joelho ferido, das corridas no quintal, das brincadeiras embaixo do pé de goiaba, do meu cachorro Farofa que me despertou para o amor pelos animais, dos banhos de chuva que expressavam a liberdade que eu não entendia, dos barquinhos de papel na água da chuva que permitiam experimentar novas imaginações, dos passeios do final da tarde de domingo, do aconchego do abraço de minha mãe.

Relembro essa mesma infância na escola que estudei, nas brincadeiras no recreio, nos livros usados, daqueles que eu nunca tive, nas leituras não oportunizadas, no bê-á-bá repetitivo da professora, na primeira palavra lida com a ajuda dos meus pais, nos gibis da turma da Mônica, nos desenhos e pinturas de morango, fato marcante na minha infância, nas frustrações sofridas na escola e no amor que eu sempre sentia pelos livros como se fossem parte de mim. São lembranças que me acompanharam sempre e não sabia eu que essas eram minhas primeiras leituras.

Não sabia ler palavras, mas já lia o mundo que não conhecia, que ninguém me dizia e nem me ensinava, porém me fazia ser leitora de mim, assim como ocorreu com Souza (2014, p. 156) ao revelar que aprendeu “por meio da leitura, algo que o outro, o humano, o professor, não conseguiu ensinar”. Isso despertou que, por meio da leitura das sensações experimentadas, é possível descrever a infância e compreender que, ao mesmo tempo em que aprendia o que eu não sabia eu estava desenhando a minha história de vida.

Expor minhas vivências nesse trabalho acadêmico justifica-se pelo fato de que preciso partir do olhar para mim para alçar voo frente ao entendimento do outro. Isso impulsionou a desatar correntes e exercitar a liberdade de perceber-me um sujeito de fugas e incompletudes, mas, enamorada pela busca do que me completa.

Krishnamurti (2009, p. 123) considera que “quando, conscientes ou inconscientes, utilizamos alguma coisa para fugirmos de nós próprios, tomamo-nos de paixão por ela.” Assim me apaixonei pela leitura como ato prazeroso que proporciona ao leitor uma viagem a outros espaços e a construção de um novo *eu*. Inferir que a desilusão e o encantamento fazem parte do processo de construção do gosto pela leitura, visto que, fomenta possibilidade de dar vida aos personagens, sentir as sensações nele residentes e expressar os sentimentos contidos na leitura é tornar-se sujeito do que se ler, é desfazer-se refazendo-se, é não se permitir ler uma história e sair dela da mesma forma que iniciou.

É nesse sentido que compreendo a leitura como processo de autoformação do ser que lê, reafirmado na fala de Souza (2014, p. 78): “A relação intrínseca entre a leitura e a formação se



desfia na liberdade de criar e recriar uma interpretação própria acerca do que é lido. Ler na perspectiva formativa induz a compreender a ideia, e não apenas recebê-la.”

Em conformidade com a autora supradita, a leitura transforma. Pautada nesse pressuposto compreendo que a partir da leitura é possível descobrir um mundo novo, enxergar com os olhos da alma e descobrir a leveza das coisas presentes na vida.-

Quando Freire (1989, p. 9) enfatiza que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, está esclarecendo que ler é a forma de ver o mundo e, por isso, é imprescindível que a criança tenha contato com a leitura desde seu nascimento, já que a mesma associa as imagens ao mundo real e na sequência vivida possa despertar o fascínio pela leitura em qualquer instância física, seja ela, a família, a biblioteca da escola ou outros espaços não formais.

No retorno à infância relembro a ansiedade sentida enquanto aguardava pelos raros momentos em que estaria em contato com os livros na biblioteca da escola, instantes de prazer e fascínio promotor de descobertas e viagens inimagináveis. A paixão de conhecer o mundo caracterizava-se pela imensa vontade de descobrir o que os livros tinham naquelas páginas, queria descobrir o que estava escrito para ir além do que lia.

Bojunga (2010, p. 8) define “*Livro é um encontro comigo*”, essa emoção de invadir um mundo que não tem dono, possibilitado pelo mergulho em lugares desconhecidos, fomentava um encontro com o outro residente em mim. Hoje, quando leio, sinto e vivencio as sensações dos personagens que fazem a história, e é isso que me proporciona prazer pelo lido, como quem se dedica a leitura como uma fonte insecável de deleite e conhecimento.

Lembro que a biblioteca da escola que estudei era pequena, pouco explorado pelos professores e pela escola, lugar de muitos livros e pouco acesso, lugar de silêncio de palavras faladas, local onde adormeciam sentimentos vividos. A biblioteca era o espaço que fomentava a vontade em ler e o encontro com as leituras alimentava minha alma, proporcionava voos altos, saciava a fome do que eu não sabia. Na biblioteca eu encontrava o que o buscava.

No entanto, este território repleto de saberes repetia sempre a mesma situação vivenciada por outras bibliotecas em âmbito nacional: tinha acervo reduzido, não implementava projetos de fomento à leitura e pouco era utilizada. Na obra *Biblioteca Escolar e Práticas Educativas*, José (2007) apud Giroto (2009, p. 41) referenda que:

Algumas escolas, entretanto, também valorizam pouco a leitura, não têm uma biblioteca infantil rica e variada, como deveriam ter. Preocupam-se muito com a merenda escolar, com o alimento para o corpo. Esquecem do alimento para o espírito, da emoção da inteligência. Esquecem do objeto que poderá, no futuro,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

criar o adulto mais feliz, mais humano, melhor preparado para ler o mundo e expressar-se falando ou escrevendo, preparado para vencer na vida. Não consigo entender escolas sem livros para serem lidos pelo prazer e para serem pesquisados para o saber, sem jornais e revistas para situarem o leitor no mundo em que vive. Sem formação e informação não há cidadania. Não há desenvolvimento intelectual. Você pode medir o grau de interesse cultural de uma escola ou de uma cidade pela biblioteca escolar ou pública. Quem não se interessa pelos livros não se interessa por uma educação de qualidade (JOSÉ, 2007, apud GIROTTO, 2009, p. 41).

Em conformidade com o autor, a escola não deve apenas preocupar-se em alimentar o corpo, mas, saciar a fome dos sentimentos intrínsecos que existem dentro de cada ser, e, assim, desenvolver o estímulo a leitura. Para tanto, não deve olhar à biblioteca apenas como mais um espaço que compõe a estrutura da escola, mas, enxergar a oportunidade de desenvolver no sujeito que transita naquele espaço a capacidade de descobrir o mundo e tornar-se protagonista de si por meio das histórias lidas. É fundamental perceber que a prática leitora instigada pela via escolar é fulcral para o desenvolvimento do ser, por isso, desenvolver ações que incentivem os alunos, professores, funcionários e pais a lerem, a visitarem a biblioteca, é tarefa da escola. De modo especial, cabe aos professores utilizarem-se desse espaço de forma criativa, como lugar que sacia a fome da alma.

A biblioteca necessita ser percebida pelos sujeitos escolares como um local que seduz o aluno para despertar o desejo pela leitura. Nela, o sujeito é oportunizado a conhecer, construir e refazer-se, a partir das narrativas de vida descobertas no contato com os livros. Abrir as portas para o aprendiz de leitor sinaliza desconstruir o paradigma de que a biblioteca é um espaço de armazenamentos de livros ou para acomodar alunos indisciplinados, haja vista que o produto que nela reside nada mais é do que palavras que pulsam ansiosas para serem lidas e ressoarem nos silêncios da mente humana.-

A biblioteca é viva em histórias, saberes, aprendizagens. É nesse espaço que os alunos têm a oportunidade de desenvolver a prática leitora e é nos livros que descobrem o sabor das palavras. Compreender a biblioteca como lugar de aprendizagem lúdica, fomentadora de criatividade e imaginação é o que venho descobrir ao longo da minha formação. Talvez, a paixão por esse universo desde criança tenha me despertado para esse entendimento, mas devido a imaturidade de conhecimentos eu não a sentisse como um espaço vivo de leituras em que ecoa novas vozes, liberdade, ações e interações entre o leitor e os livros.

A criança aprende o que vivencia. Nessa perspectiva, o professor precisa inserir diariamente a leitura em sua rotina como ato de paixão e prazer. O benefício dessa prática é reafirmado na fala



de Miguez (2003, p. 15), em seu livro *Nas Arte-Manhas do Imaginário Infantil*, quando diz que “todo professor tem que ser um leitor entusiasmado para poder transmitir aos alunos a paixão de ler.” O posicionamento da autora considera que a criança aprende pelo exemplo, e assim, na caminhada como futura professora questiono: como posso incentivar meus alunos a ler se não demonstro interesse nenhum pela leitura? Considero que, como mediador dos processos educativos, o professor precisa desenvolver momentos que despertem nos alunos o desejo pela leitura espontânea, pois a mesma é de suma importância para a formação do ato de ler e de ser.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p. 27) diz que “a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.” A leitura espontânea compromete o leitor a tornar-se um personagem da história que ler. É o momento em que se torna também sujeito da leitura, especialmente quando estas são significativas e desnudam a alma, permitem a compreensão do que é lido, ao invés da decodificação de palavras e a repetição das mesmas, tornando quem ler um ser pensante que se auto constrói.

Acredito que é nos textos literários que as crianças sonham e têm esperanças. É nessas leituras que vozes criam vida, imaginações se tornam realidades e viver se transforma em magia e, a biblioteca, pode ser esse espaço que proporciona sensações inexplicáveis aos leitores. Nela tudo pode acontecer, pois, por meio da leitura, é possível viver a experiência de dar vida ao mundo imaginário e as fantasias que inquietam o mundo existente dentro de cada, mas que grita para viverem do lado de fora.

Grifos Finais

Na condição de incompletude encontro nas doçuras da vida o desejo de tornar-me ser de descobertas, escrever sobre leitura é encher meus olhos de encanto e paixão é vivenciar por meio dela a construção de uma eterna aprendiz em continua formação. A construção do saber por intermédio da leitura é um desejo vivo naqueles que sonham com a leitura livre e espontânea. O nosso desejo é comprovar que a biblioteca utilizada de maneira correta, nutri esse processo de formação leitora da criança, ao longo das leituras esse pensamento vem sendo intensificado, a exploração desse espaço com sensibilidade permiti a construção de um leitor crítico reflexivo e a descoberta da arte de ler a vida.



As bibliotecas precisam estar de portas abertas para os pais, os alunos, os professores e a comunidade visando formar leitores de qualidade, as portas desse espaço estiveram por muito tempo fechadas deixando assim lacunas na formação de leitores desde sua infância, os estudos oportunizados diante da temática nos faz refletir acerca das ações realizadas dentro da biblioteca, as mesmas precisam ser satisfatórias na formação do leitor, contribuir para que o sujeito torne-se amante do livro. Concebemos a biblioteca lugar do lúdico, do criativo, das leituras, dos sonhos, do imaginário, do indizível, a biblioteca e um lugar de todos e não de alguns.

Oportunizado a experiência de escrever esse trabalho, nos permitiu crescer em conhecimento e na condição humana do ser que encontra na leitura a fuga e a imaginação. Voltar aos momentos de infância sentir as doçuras e amarguras de ser o que venho me construído ao longo desse processo é prazeroso e gratificante ao mesmo tempo em que sou oportunizada a escrever sobre o que preenche a minha alma construo novos saberes, novos olhares e me permito ir ao reencontro de momentos especiais em minha vida.

A leitura é ir além do que a palavra diz é buscar o silêncio da palavra que está nas entrelinhas de cada história e com isso forma-se leitor para o mundo. É necessário reencantar o mundo com as poesias do coração e as crianças têm o encantamento necessário por meio do seu imaginário infantil para dá sentindo a vida.

Referências

BOJUNGA, Lygia. **Um encontro**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010. pp. 8-9.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. – 39. ed.-São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

———. **A Importância do Ato de ler: Em três artigos que se completam**. – 23. ed. – São Paulo: Cortez Editora, 1989 (Polêmicas do Nosso Tempo).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 04. ed. -São Paulo: Atlas, 2002.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **BIBLIOTECA ESCOLAR E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. P. 19-47

JÚNIOR, Oswaldo Francisco de Almeida. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **BIBLIOTECA ESCOLAR E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. 205-218



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 2003

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. - 19. ed.- São Paulo: Editora brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos)

MIGUEZ, Fátima. **Nas Arte – Manhas do Imaginário Infantil**: O lugar da literatura na sala de aula. – 3. ed - Rio de Janeiro: Editora Zeus, 2003

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e Formação Humana**: Nas Entrelinhas das Obras Infantis de Clarice Lispector. 2014. (Dissertação de Mestrado em Educação). Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.